

A CIÊNCIA DAS PERGUNTAS GERAIS E DAS RESPOSTAS PARTICULARES: ENTREVISTA COM GIOVANNI LEVI

Por Liette Alves¹

Universidade Federal de Mato Grosso

Correspondência:

Secomm

Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367 - Bairro Boa Esperança - Cuiabá - MT - 78060-900

E-mail: maria_liete@yahoo.com.br

Com seu jeito despojado e irrequieto, o historiador italiano Giovanni Levi nos concedeu uma entrevista para falar do tema que o projetou internacionalmente, a micro-história. A entrevista aconteceu durante o VII Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado em Cuiabá, entre os dias 20 e 23 de maio deste ano, na Universidade Federal de Mato Grosso. Acompanhado de seu charuto, ele falou de um fazer histórico que busca nas generalizações o invisível, procurando acentuar as particularidades, afinal, como ele mesmo diz, “tudo é micro-história, porque a história bem feita origina-se sempre de algo particular. A história é a ciência das perguntas gerais e das respostas particulares”.

A micro-história é uma proposta metodológica que, de maneira contrária à tradicional abordagem histórica de uma observação macro, realiza uma redução da escala de observação, procurando descobrir - assim como através de um microscópio - o detalhe ou a particularidade que pode levar ao que Levi chama de relevância. Ele propõe, então, por meio dessas relevâncias, enxergar o que subjaz aos fenômenos, o invisível, sem, contudo, perder a visão mais ampla da malha de relações que compõem os acontecimentos. Mas, além de falar da microhistória, nesta entrevista, Levi fala de temas da nossa contemporaneidade e de sua importância, a exemplo dos movimentos “Os indignados”, “A Primavera Árabe” e “*Wall Street*”. Ele também tece uma crítica à história da educação corporativista, que tenta se colocar como um campo isolado,

¹ Colaborou Sara E. U. Quintero. Esta entrevista passou pelo processo de tradução com livre interpretação.

quando na verdade “devemos tomar a história como uma coisa única, que não pode ser contada por partes”.

Juntamente com Carlo Ginzburg, Giovanni Levi foi responsável pela criação da micro-história, tendo dirigido, entre 1981 e 1988, na Itália, a coleção “Microstorie”, publicado pela editora Einaudi. Foi professor nas universidades de Turim e Viterbo. Atualmente, leciona história econômica na Universidade de Veneza. Autor reconhecido, ele compõe conselhos editoriais de importantes periódicos na área das ciências sociais.

Professor, em que consiste exatamente a micro-história e em que ela se diferencia das outras abordagens?

Giovanni Levi - Tudo é micro-história, porque a história bem feita origina-se sempre de algo particular. A história é a ciência das perguntas gerais e das respostas particulares. Posso repetir o exemplo de uma escola salesiana em Santa Catarina que não vai interessar a quase ninguém, mas se estudamos isso com o microscópio podemos ver coisas que têm uma relevância geral para dar uma gama de respostas particulares e todas diferentes. Isso é o que Fredrik Barth, um grande antropólogo, chama de modelos geradores - existe uma generalização, uma relevância que gera muitas respostas, mas todas se originam disso. Dou um exemplo que é a razão pela qual eu quero muito viajar na América Latina. Faço uma pergunta geral, então: por que todos os países católicos do século XX têm que ser os países -nos quais se vive melhor- que tiveram uma ditadura? Por que todos? Polônia, Croácia, Itália, Espanha, Portugal... A totalidade dos países latino-americanos... Por quê? Sendo ao mesmo tempo os países nos quais existem mais anarquias, mais debilidades institucionais... Por isso é uma boa pergunta, mais isso não significa que o Brasil é igual à Costa Rica ou ao Uruguai, significa que é uma pergunta geral, é uma generalização que necessita ser vista com um microscópio, mas, não porque você tem um interesse obsessivo pela ditadura chilena. Você tem interesse pelo que se pode perguntar à totalidade, por exemplo, dos países católicos, saindo de um exame minucioso da ditadura chilena e de suas origens antigas.

Só examinando cada um deles conseguiria ter uma resposta, uma resposta geral, mas preservando a particularidade...

Giovanni Levi - Preserva a particularidade.

O Senhor define a micro-história como um trabalho a partir da experiência, isso implicaria em não ter modelos a serem seguidos?

Giovanni Levi - Modelos não funcionam. Quando acabou o sistema soviético, a Europa elegeu quatro historiadores -e eu era um deles- para enviar para a Academia de Ciências de Moscou, para explicar aos historiadores soviéticos como se faz história. Eu falei de micro-história e eles me disseram: “professor o senhor não fala jamais das leis históricas”... Eu respondi que as leis históricas não existem. Esta é a diferença, a micro-história busca encontrar leis geradoras, generalizações, relevâncias, mas sem regras a priori. Usei muitas vezes o exemplo do complexo de Édipo de Freud. Freud construiu essa relevância, a identificação desta relevância saindo de casos particulares, identificando uma relevância geral no complexo de Édipo, mas o complexo de Édipo não fala nada do complexo de cada uma das pessoas, apenas diz: “isso gera uma coisa que é importante para todos, mas diferente para todos”.

O senhor acha possível realizar um movimento epistemológico do fato para a teoria, não seria impossível para o pesquisador se despir completamente da sua pele para chegar ao campo, assim, completamente desnudo?

Giovanni Levi - Acredito que nos todos temos cultura em nossas costas, a cultura serve para apoiar perguntas, para entender, para identificar o que não se vê diretamente, porque o verdadeiro problema da história é trabalhar sobre o que não se entende, não só sobre o que é evidente. Nesse sentido, um historiador não é um analfabeto, é uma pessoa que possui informação, leituras, etc..., mas, ao mesmo tempo, deve aprender com os antropólogos a escutar o campo, porque é a nossa documentação, até que os problemas se coloquem como um produto daquela cultura, que diz: “ah, isso eu não havia pensado, isso é um problema”.

Isso implicaria na postura de um pesquisador que vai ao campo com uma teoria que o sustente, mas ele não precisa ter métodos rígidos na sua pesquisa...

Giovanni Levi - A experiência é uma coisa que não é apenas teoria nem epistemologia, também é moralidade. Veio-me a cabeça a história dos seis tupi que, ao final do século XVI, foram levados para Ruan, na França, e três morreram na viagem. Montaigne os interrogou. Ele fez três perguntas, mas uma me parece relevante e é a única que me lembro: “que penseis desta cidade?” E o tupi respondeu: “esta cidade esta cheia de palácios grandes e ricos, e de uma quantidade de miseráveis. Não entendemos porque os miseráveis não queimam os palácios dos ricos”. Eu creio que essa era uma boa pergunta que os Tupi levantavam. Por que os miseráveis não queimavam os

palácios dos ricos? Eu creio também que os historiadores devem ter uma moralidade como a dos Tupi, que pensavam que a diferencia social não deveria ser exagerada, ou não deveria existir, isso me parece que não é só uma coisa epistemológica, é uma coisa ética, moral, política, social. Nós todos nos interessamos quando algo não é imediatamente evidente, porque nos sugere: “teu pensamento é limitado, porque você não entende isso, você deve trabalhar sobre isso para modificar seu pensamento”... Isso eu creio que é uma das grandes ideias da antropologia, nem sempre seguidas...

O senhor disse que a história não é um texto e reclama o direito de interpretação sobre os acontecimentos e não sobre os textos. Quais são os métodos utilizados para isso?

Giovanni Levi - O que eu disse é sobre estar em campo. Eu, por exemplo, quando escrevi “A Herança Imperial”, tinha um documento fundamental de um livro que não entendia e pensei: como eu me coloco nesse lugar? Através da leitura de todos os atos notários que por 50 anos ou mais seus habitantes fizeram... Mas, paulatinamente, tudo começou a juntar-se, a relacionar-se em um mundo significativo, e eu acredito que é esse nosso trabalho, ter um problema, ter um documento difícil de interpretar e ao mesmo tempo ler o máximo possível sobre o contexto que pode explicar as coisas.

Qual é o sentido do acontecimento dentro da perspectiva da micro-história?

Giovanni Levi - Eu penso que tudo pode ser história. Se investigado, um acontecimento pode ser importante, se você identifica a sua relevância, não a sua relevância a priori e sim quando você a constrói. Foram muitas as vezes que algumas pessoas tentaram fazer micro-história, como o exemplo famoso do livro “O grande massacre de gatos”, de Robert Darnton. Para mim, ele não soube construir a relevância do massacre dos gatos, conservando sua irrelevância em seu livro, creio que isso foi uma falta como historiador, que deveria ter construído sua relevância, a que foi constatada por ele.

Quando falamos sobre a interpretação dos acontecimentos estamos reintroduzindo as grandes narrativas e condições teóricas e, portanto, interferindo no sentido da realidade?

Giovanni Levi - Essa ideia de que as grandes narrativas morreram é uma coisa criminosa, que nasceu depois da grande crise pela qual o mundo político e moral passaram depois da queda do muro de Berlim, é como o fim da história, a morte das grandes narrativas. Por exemplo, eu penso que a minha pergunta “porque os países católicos tiveram ditaduras”, é uma grande narrativa, devemos evitar essas formas de dramati-

zação, mas certamente esses acontecimentos produzem grandes modificações, mas ao mesmo tempo as grandes narrativas não estão mortas, são mortas através das grandes interpretações... O marxismo e sua interpretação positivista, mas não o marxismo de Edward Thompson, por exemplo, o liberalismo em seu compromisso e interpretação neoliberais que imaginam que o passado é perigoso e é melhor esquecê-lo, por haver um futuro maravilhoso, como estamos tragicamente vivendo atualmente.

O senhor poderia falar um pouco sobre a questão da escala na análise histórica?

Giovanni Levi - A escala é onde os historiadores criam relevâncias. Devem criar relevâncias, também, das dimensões de observação dos fenômenos e ver as coisas com mais amplitude, de como aparecem, nos permitindo, exatamente, encontrar coisas invisíveis antes.

O senhor fala de brechas históricas, então eu pergunto o seguinte: quais seriam as brechas históricas da atualidade, daria para detectá-las? Brechas no sentido de oportunidades. Os movimentos, por exemplo, orquestrados pela internet como a Primavera Árabe, Os Indignados da Espanha, Wall Street... Seriam brechas históricas? O senhor acha que a internet poderia converter-se em uma grande brecha para uma mudança radical no contexto global?

Giovanni Levi - Eu acredito que o movimento dos indignados, como as revoluções árabes, que até agora, provavelmente, fracassaram, são de grande importância, eu sou muito favorável a isso. Eu tenho uma filha que é militante dos indignados espanhóis, que estão criando um partido que se chama o Partido X, que procuram transformar sua indignação anárquica em proposições concretas e construtivas; isso penso que seja o papel que os jovens tunisianos ou marroquinos, também egípcios, buscam e, ao mesmo tempo, que os espanhóis, americanos, italianos e franceses procuram fazer. Mas, neste momento, existe uma reação negativa e, especialmente, nesse sentido, são importantes, mas devem passar a uma fase mais construtiva, de propostas totalmente alternativas a estas sociedades, e não setoriais, mas total, um leque de imagens de uma sociedade totalmente diferente.

Considerando o cenário mundial de competitividade econômica e social, alguns países como o Japão conseguiram seu desenvolvimento econômico a partir de investimentos pesados na educação, ou seja, na qualificação da mão de obra. Como o senhor vê a política educacional brasileira?

Giovanni Levi - Eu penso que o Brasil esta tendo uma política muito boa de investimento na educação e que a Europa esta fazendo atos criminosos contra o seu futuro, diminuindo, rebaixando seus investimentos na educação, porque o problema é exatamente esse. A degeneração neoliberalista do capitalismo está produzindo, exatamente isso. Eu acredito que a Europa, nesse momento, faz uma politica suicida, suicida também no sentido que nos produzimos, talvez, bons doutorados e passamos para o estrangeiro. Nós não damos trabalho a esses doutores de qualidade que vão para o exterior. Um doutorado custa algo como meio milhão de euros e nós presentamos os Estados Unidos, a Alemanha, a Suécia ou o Brasil. Isso é um típico suicídio da Itália, Espanha e também Portugal, penso.

De que maneira a abordagem da micro-história pode ser aplicada nas pesquisas em educação?

Giovanni Levi - Partindo da ideia do que tenho escutado aqui (VII Congresso de História da Educação Brasileira) isso parece ser arriscado. Primeiro porque, por razões de definição do seu campo, existe uma corporativização da historia da educação, como se fosse um campo isolado, e eu sempre pensei que a história da educação no Brasil havia sofrido uma grande revolução, havia abandonado a história da pedagogia por uma história social da educação. A relação conflitual e não conflitual, mas em geral conflitual, como o que ocorre na política, na economia e etc. etc. Essas discrepâncias entre as duas. Paulatinamente, me parece que o risco é criar um nacionalismo da história da educação à parte... Devemos tomar a história como uma coisa única, que não pode ser contada por partes. O segundo é o que detectei ontem nas mesas redondas... Todos tomam as coisas através da sua visibilidade e não pensam que as coisas possuem uma invisibilidade, que em geral, são mais importantes que a visibilidade. Por exemplo, a ditadura no ano de 64, que aqui criou escolas rurais... Nós pensamos que a democracia é quem cria a educação e a ditadura é quem cria obstáculos para a mesma, mas ao contrário, foi ela quem criou rádios para levar a instrução a lugares mais isolados. O problema fundamental não é descrever isso tecnicamente, o problema é entender a ditadura. Por quê? Que conteúdos tinha esta educação e porque a ditadura pensava este como um tema essencial para ela? Ao contrario, escutei uma descrição superficial, desde o que se via, quando o mais importante não é o que se vê e sim o porquê das coisas. Escutei uma exposição sobre a capoeira. A capoeira tem uma história muito interessante. Interessante, não porque é cultura popular, mas como cultura de conflitos, porque famílias buscavam preservar o seu monopólio sobre a capoeira lutando contra outros que também queriam participar dessa escola, etc. Esse seria um bom revelador de conflitos no interior da história da cultura popular. Na história do movimento dos trabalhadores, nos colocamos a estudar, por anos, os trabalhadores em suas greves, os que não faziam parte das greves e por que eram contra as greves. Devemos

estudar também por que esses porquês não nos dizem a conflitualidade, a complexidade, porque ao final o papel da história, como da história da educação, é historiar as complexidades, não as simplicidades.

Entrevista recebida em 23 de agosto de 2013.

Entrevista aprovada em 03 de dezembro de 2013.